

O enigma da transcendência do «eu» em Vergílio Ferreira

MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL

O tema da transcendência do «eu», de que aqui me ocupo, é aflorado por Vergílio Ferreira e debatido no texto «Da Fenomenologia a Sartre», que precede, como prefácio, a tradução portuguesa, que ele fez, de *L'Existentialisme est un Humanisme* (*O Existencialismo é um Humanismo*), de Jean-Paul Sartre, onde, com notável perspicácia, reflete sobre algumas equívocas perspectivas do filósofo francês na abordagem que ele faz desse tema, contrastando-as com a sua específica forma de ver, nomeadamente aquela que respeita ao «eu» como *presença* e *aparicação*, noções fundamentais do pensar filosófico vergiliano, na esteira do romance *Aparicação* e do mesmo estudo sobre a fenomenologia de e pós-Husserl, onde se dá relevo às filosofias da existência, entre as quais avulta a de Heidegger, e, em particular, ao existencialismo sartriano.

Redigido em Fontanelas, no ano de 1961, com data de término a 5 de setembro, saiu a acompanhar a primeira tradução da obra de Sartre, editada pela Editorial Presença em 1962. Aquando da terceira edição, surgida em 1970, na nota que redigiu, entretanto, para ela, manifestou o escritor a sua intenção de «refundir totalmente o estudo» para «torná-lo de mais fácil leitura e retomar ainda alguns dos seus temas»¹, o que não fez por manifesta falta de tempo². Porém, já na segunda edição, de 1965, havia procedido a alguma revisão, não tão extensivamente como lhe ditaria o desejo não cumprido em 1970.

Tal revisão é significativa para o assunto de que me ocupo, pois que teve a ver, sobretudo, com a questão da transcendência do «eu». O escritor-filósofo, a tal propósito, acrescentou ao texto um «Apêndice à pag. 94 – n.º 1»³,

¹ Vergílio Ferreira, «Nota à 3.ª edição», in Jean-Paul Sartre, *O Existencialismo é um Humanismo*, tradução e notas de Vergílio Ferreira, Lisboa, Editorial Presença, 1978⁴, p. 7.

² Cf. *idem*, *ibidem*.

³ Citamos de «Da Fenomenologia a Sartre» pela 4.ª edição de *O Existencialismo é um Humanismo* (*op. cit.*): pp. 114-116. A partir de agora referir-nos-emos ao texto de Vergílio Ferreira pela sigla DFS.

que inseriu no término do segundo capítulo, o dedicado ao existencialismo, antes, pois, da terceira e última parte onde considera a liberdade como o problema capital da obra de Sartre. Apesar do apontado relevo desta última parte, interessar-me-á menos considerá-la do que o mais circunscrito tema do ego e da sua transcendência, a que o próprio Sartre dedicou o «L'Essai sur la transcendance de l'Ego», pela primeira vez publicado, com este título, em 1936, na revista *Recherches philosophiques*, e que só muitos anos mais tarde conheceu edição independente pela Vrin, em 1988⁴.

A importância do texto de Sartre está em ser a sua primeira obra de investigação propriamente filosófica, redigida em 1934, aquando da sua estada em Berlim, para onde fora na mira do estudo da fenomenologia de Husserl. Constitui um marco para o ponto de vista da evolução intelectual de Sartre, já que algumas essenciais posições aí defendidas preludiam *L'Être et le Neant*, de 1943, texto que Vergílio Ferreira, por abundantes referências em «Da Fenomenologia a Sartre», profundamente conhecia e de onde principalmente retirou informação sobre a temática sartriana da transcendência do «eu».

Aquando da redação do seu extenso ensaio, em 1961, Vergílio não teve oportunidade de ler o texto sartriano sobre a transcendência do ego, o que só fez em 1965, aquando da terceira edição de *O Existencialismo é um Humanismo*. Foi neste contexto que redigiu o complementar apêndice que citei, que dá notícia do seu encontro com o Sartre de *La transcendance de l'Ego*:

«O ser-nos só agora (1965) possível ler na íntegra *La transcendance de l'Ego* de Sartre e que só conhecíamos das referências de Gaston Berger (em *Le cogito dans la philosophie de Husserl*) e de Gilbert Varet (em *L'Ontologie de Sartre*) para não falarmos das referências do próprio Sartre (em *L'Être et le Neant*) obriga-nos a retomar o problema do “eu” mais detalhadamente.»⁵

Compulsando as páginas de «Da Fenomenologia a Sartre» sobre a problemática do «eu» e comparando-as com o conteúdo do «Apêndice à pag. 94 – n.º 1», verificamos que Vergílio Ferreira já estava, em 1961, na posse das coordenadas fundamentais da tese sartriana e que a leitura de *La transcendance de l'Ego* pouco ou nada acrescentou ao seu conhecimento, pelo menos que justificasse aquela indicação de o tradutor de *L'Existencialisme*

⁴ Jean-Paul Sartre, *La Transcendance de l'Ego*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1988.

⁵ DFS, p. 114.

est *un humanisme* ter sentido necessidade de «retomar o problema do “eu” mais detalhadamente». A circunstância do detalhe nada tem a ver com uma revisão exaustiva da análise já feita em virtude de novos dados. Vergílio, ao inteirar-se da primeira obra de Sartre, sentiu, por reação, a necessidade de contrastar a sua com as posições sartrianas, mostrando-nos a sua forma de avaliar a verdade e as consequências da tese de Sartre.

No «Apêndice à pag. 94 – n.º 1», ele prolonga o que já havia dito em linhas passadas, mas agora com a indicação ainda mais clara das suas dissidências com Sartre. Afirma-o nitidamente: «[...] o “eu” originário de que falo não tem nada que ver com a dilucidação de Sartre.»⁶ Para Vergílio, e no meu ponto de vista, a noção sartriana de «transcendência do ego» transporta-nos ao esvaimento do sentido do eu até «restar apenas a transparência da consciência, o seu “Nada”»⁷. A questão vergiliana do «eu» está em pujança na oposição a este «Nada» de Sartre: o ego vergiliano é *pura aparição de nós*, está antes *de qualquer determinação, pura atividade*, ou uma *força*.

Em que é que ele se distingue do ego sartriano? Distingue-se porque lhe é nítida a existência, enquanto, pelo contrário, o «eu» sartriano é esquemático, um arremedo tético, no que está em ser um *nada*. Sartre está muito próximo na inspiração do eu da aperceção transcendental de Kant, que é, na ótica de Vergílio Ferreira, um mito, já que ele não nos é acessível no presente da consciência, não se nos dá em evidência mas por pressuposição: esse «Eu transcendental que nos unifica os atos de consciência e nos individualiza [...] é um mito como agente da síntese e individualização, pois que a síntese opera-se transversalmente no próprio ato da consciência e por ela, como é essa mesma consciência que nos dá a individualidade»⁸.

O recuo do ato de consciência para o que não é ato mas que o ato pressupõe, tal é a unificação a pressupor a unidade, ou a síntese o agente dela. Um tal recuo leva-nos a um «eu» que, em Sartre, se esvai de sentido⁹ «para restar apenas a *transparência* da consciência, o seu “Nada”»¹⁰, enquanto em Vergílio nos descobre um «eu» que é a instância originária da própria vida e existência. Ainda que, com Sartre, concorde não ser o ego a «nossa personificação, mas apenas disso o “sinal”»¹¹, e estabeleça real diferença entre essa originária instância, a consciência e o ato de consciência, separa-se do

⁶ *Ibidem*, p. 115.

⁷ *Ibidem*, pp. 114-115.

⁸ *Ibidem*, p. 114.

⁹ Cf. *ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*, pp. 114-115.

¹¹ *Ibidem*, p. 93.

intuito sartriano na forma como encara o sentido do próprio «eu», uma transcendência vazia, em Sartre, uma «força que nos habita»¹², em Vergílio.

Implicar-se-á nesse «eu» vergiliano a noção de transcendência como no de Sartre? Vergílio Ferreira nota corretamente que a questão da transcendência do «eu» em Sartre anda ligada à ideia de ser o «eu» *algo* de opaco, o que precisamente traduz o «eu» como um simples «“pólo unificador” dos estados de consciência» – no que há alguma concordância com a egologia transcendental de Husserl –, um *en-soi*, no vocabulário sartriano¹³. A «consciência de que esse Ego é o “eu” com que a mim me identifico, não vem dele e sim do *pour-soi*»¹⁴. Por esta noção de transcendência julgou Sartre – assim interpreta Vergílio – ter «eliminado de Husserl (que veio por fim a adotar o Eu transcendental) todo e qualquer rasto de “idealismo”, expulsando a consciência para fora de si e mantendo nela, implicitamente, a consciência de si, só na estrita medida em que tal consciência de si é consciência (de) si, ou seja irrefletida»¹⁵.

De certo modo se pode conceber a transcendência do ego em Sartre como uma espécie de leitura pela negativa, ou talvez mesmo equívoca, do «eu» transcendental de Husserl, leitura que, no fundo, aproveitando as indicações de Husserl, consistiu, *grosso modo*, em privilegiar a irredutibilidade do «eu» husserliano às suas vivências, como absolutamente anterior a elas, assim concebendo Sartre o «eu» como *unidade transcendente*¹⁶, tanto no ponto de vista noético quanto no ôntico.

A onticidade do ego sartriano está precisamente no seu *nada*, que não é aqui inocente, mas que, como esquema, é sinal do nada que nos nadifica e nos projeta na morte. Este é um ponto crítico para Vergílio, pensador independente, que o foi, que não se coibiu de pensar além de Husserl e além de Sartre o enigma da transcendência, patenteando-lhes a resposta na radicalidade unitiva do eu com a carne, num transe existencial diríamos, que a fenomenologia de Husserl não ousou nem a pressentiu Sartre, mas que em *Invocação ao meu Corpo* está profundamente refletida como *presença encarnada*: «Mas eu não posso sair do meu corpo e assim a minha presença a mim com ele é uma presença absoluta.»¹⁷ Nesta absolutidade da presença encarnada está a radicalidade de base que instaura o pensar.

¹² *Ibidem*, p. 92.

¹³ *Ibidem*, p. 93.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*, p. 115.

¹⁶ Jean-Paul Sartre, *La Transcendance de l'Ego*, p. 44.

¹⁷ Vergílio Ferreira, *Invocação ao meu Corpo*, Lisboa, Bertrand Editora, 1994³, p. 258.

Na parte do ensaio «Da Fenomenologia a Sartre» que dedica a Husserl e aos posteriores desenvolvimentos da fenomenologia, reflete Vergílio, a propósito da *epoché* e do método da redução fenomenológica, sobre a radicalidade e a vigência da sua aplicação ao notar que o processo de sucessivas *epochés* e reduções nos leva a «um limite em que já é impossível operarmos mais suspensões, em que o dado originário do que construímos para a vida se ergue à nossa face: o próprio “eu”»¹⁸. Declara não ser possível «“suspender” a presença do nosso “eu”»¹⁹: ele não só é o «promotor da “redução”» como o *suspender-se* implica contraditoriamente que sempre o «eu», que se suspende, estaria presente. De facto, como aduz, apenas podemos suspender ou atos que tenhamos realizado ou o «eu» que entretanto os realizou – «por exemplo, o homem colérico que fui e que há pouco esteve vivendo a sua cólera»: posso, assim, suspender o ato que vivi, mas não o “eu” que estou sendo, não o centro desses atos em qualquer momento que os realize»: «Quem opera a “redução” sou “eu” e portanto “eu” não posso ser “reduzido”».²⁰ Se isto aponta para uma tematização da existencialidade cogitante, a operar já fora da fenomenologia de Husserl, aproa-nos do mesmo passo a um significado e sentido outros da própria radicalidade, já porventura ônticos e ontológicos, que propõem o emergir de um «eu» a partir de uma dimensão originária ultimante, patentemente anterior à facticidade do existir e das concreções da vida e do viver.

O reconhecimento de que há uma radicalidade última do eu que anula o exercício da redução fenomenológica é já, e no contributo da própria fenomenologia, o revelar do fundo abissal de nós próprios, sujeitos de pensamento, de conhecimento e de ação. Nesta medida, o «eu» vergiliano não será a instância última de uma consciência purificada. Revelar a abissalidade de nós a nós é também, por confissão intrínseca à compreensão dessa abissalidade, declarar incognoscível o sujeito puro do conhecimento, que, por exemplo, Descartes intentou pensar como pensamento que a si próprio se pensa.

Vergílio contempla na fenomenologia de Husserl o inolvidável contributo da intencionalidade, que aqui se insinua e ele exprime no argumento segundo o qual, se possível fosse ao *cogito* pensar-se como puro sujeito, possível seria ao sujeito pensar *nada*, assim se reduzindo este pensar à atividade pura de pensar e, portanto, sem que tal atividade visasse qualquer objeto

¹⁸ DFS, p. 42.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ *Ibidem*, p. 43.

de pensamento²¹. Neste caso, prossegue o escritor-filósofo, «o puro e vazio e in-objetivo ato de pensar oferecer-se-nos-ia como objeto do nosso exame. Mas justamente nós sabemos que o pensar *nada* é impossível, precisamente porque estamos sempre pensando em alguma coisa. Se por hipótese não houvesse nada à nossa volta, nós estaríamos pensando esse nada, ou seja, “alguma coisa”»²².

Não necessariamente no vocabulário de Vergílio Ferreira, podemos caracterizar a direção da consciência para o objeto como uma resposta da própria consciência à sua fome do objeto. Isto significa que a consciência, orientando-se para o objeto, objetiva-se, e há neste objetivar-se processos de intussusceção que muito têm a ver com o organismo e o alimento. Se a consciência se dirige para o objeto e o assimila, é esta assimilação a própria vida eucarística da consciência manifestando-se e por essa manifestação sabendo e sabendo-se consciência como tal. Se o objeto falta à noética da consciência, não é possível à consciência saber-se a si. Nas palavras de Vergílio, «no último reduto de nós, após todas as “suspensões”, nós descobrimos que um “eu puro” não tem conteúdo, ou seja, que um “eu” existe precisamente em função daquilo que visa, para que se pro-jeta»²³. A radicalidade última a que aqui chegamos, que foi a da revelação de Husserl, «não é o *cogito* cartesiano, mas um *cogito cogitatum*, um “penso o pensado”»²⁴.

O que daqui se retira para Vergílio Ferreira não é evidentemente a revelação da intencionalidade husserliana. Esta demonstra e define a consciência no quadro das relações intencionais. O que não está dado na análise husserliana, ou que lhe constitui, talvez, um impensado, é o *quid* além de todo o conteúdo e além de todo o esquematismo transcendental, até mesmo além do «nada» sartriano.

O *quid* – dirá Vergílio na *Carta ao Futuro* (1958) ser ele um «clarão», «a fulgurante verdade do que sou»²⁵ –, este *quid* constitui a experiência singular do «eu» no romance *Aparição* (1959) e volta a surgir na relação do «eu» com o «tu» no romance *Estrela Polar* (1962). Desse *quid* fala em «Da Fenomenologia a Sartre» na forma obsidiante como dele sempre fala quando a sua escrita e pensamento se defrontam nos abismos da subjetividade humana para acertar o enigma da decifrabildade desta com o mistério que a mergulha no ser, que é já nela o inexprimível, o indizível e o insondável.

²¹ Cf *ibidem*.

²² *Ibidem*, pp. 43-44.

²³ *Ibidem*, p. 44.

²⁴ *Ibidem*, p. 45.

²⁵ *Idem*, *Carta ao Futuro*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981³, p. 62.

Essa experiência do «eu» é uma experiência de transcendência, ainda que a mitigue o pensamento da imanência, que é o da tendência para exaurir o ser no plano humano. Há essa tendência em Vergílio. Ela contrasta, porém – e até mesmo, por vezes, se anula aí no lugar mesmo do contraste –, com o carácter sacral que rodeia e preenche de significado ontológico a experiência fulgurante do «eu». A descrição desta experiência está em *Aparição* e em múltiplos textos, teóricos ou ficcionais, e é até, em Vergílio, o que há de mais real até do que a ideia, o anjo e Deus. Em *Espaço do Invisível*, colhemos: antes da pessoa «está a *outra*, a pura verdade de se ser, de sentir-se, a fugidia e fulminante iluminação que nos vive, o estar sendo, a inefável presença que nos enche e transborda»²⁶. A experiência de aparição *do que quer que seja* encarnou na ficção de *Aparição*, como podemos ver no trecho que se segue:

«Desde sempre dormíamos cada irmão em seu quarto. Cumpri o dever de ser homem e deitei-me sozinho, tendo o cuidado de não olhar para o guarda-fato. Mas no outro dia, assim que me levantei, coloquei-me no sítio donde me vira ao espelho e olhei. Diante de mim estava *uma pessoa* que me fitava com uma inteira individualidade que vivesse em mim e eu ignorava. Aproximei-me, fascinado, olhei de perto. E vi, vi os olhos, a face desse alguém que me habitava, *que me era* e eu jamais imaginara. Pela primeira vez eu tinha o alarme dessa viva realidade que era eu, desse ser vivo que até então vivera comigo na absoluta indiferença de apenas ser e em que agora descobria qualquer coisa *mais*, que me excedia e me metia medo. Quantas vezes mais tarde eu repetiria a experiência no desejo de fixar essa aparição fulminante de mim a mim próprio, essa entidade misteriosa que eu era e agora absolutamente se me anunciava.»²⁷

A experiência do «eu» em Vergílio Ferreira, pelas características que anuncia, pode dizer-se um *analogon* da experiência mística pelo carácter contemplativo que comporta ou um ensaio continuado de religiosa relação, que até se define pela fascinação e o temor. Nestes moldes se pronuncia o escritor-filósofo no ensaio «Da Fenomenologia a Sartre», contradizendo Sartre e o seu «nada»:

²⁶ *Idem*, *Espaço do Invisível I*, Lisboa, Portugália Editora, 1965, p. 209.

²⁷ *Idem*, *Aparição*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1983, pp. 63-64.

«Quando penso nesse “eu” ou antes, quando o vejo, nem o considero como polo unificador do pensar nem muito menos como totalidade de ações ou estados, ou seja como “eu psíquico”. A pura aparição de nós está *antes de qualquer determinação*, porque é a pura realidade de sermos uma força viva, a pura manifestação da pessoa humana que somos e a consciência que disso temos é *coincidente-incoincidente* com isso.»²⁸

Este «eu» é, pois, *aparicação*, visitaçãõ também, um «puro surgimento de mim a mim»²⁹, «pura atividade que se sabe ativa no instante de se manifestar», «o ilimitado e indiscriminado de nós antes de qualquer limitaçãõ ou discriminaçãõ», «a pura consciência de que está aqui *alguém*»³⁰. Fórmulas, pois, de transcendência. Mas transcendência que aprendeu a soletrar-se na identidade do mesmo ou aprendeu, desde a solidãõ subjetiva, a presença e a ausência do outro:

«[...] do puro ser vivo, subitamente erguido à minha frente, separado de mim enquanto precisamente vivo e penso; e se a individualizaçãõ de um “eu” implica o “outro”, negando-o, a verdade é que na afirmaçãõ irrecusável de quem somos estamos falando de algo que de certo modo nos transcende, sendo nós e por transposiçãõ (nãõ por contraste) os outros.»³¹

A fórmula da transcendência subjetiva encerra uma enigmática da identidade do «eu» que, em Vergílio Ferreira, arranca do reconhecimento da solidãõ ontológica radical da própria subjetividade. A emergência do outro é-lhe necessária, e necessária até para a sua explicitaçãõ existencial, além dos valores do convívio, da comunicaçãõ e do amor, aí se redescobrimo, como faz Vergílio, as dimensões candentes do *ser-com*, o *mitsein* heideggeriano, a que dá alto valor em «Da Fenomenologia a Sartre» e *Estrela Polar*.

²⁸ DFS, p. 115.

²⁹ *Ibidem*, p. 93.

³⁰ *Ibidem*, p. 115.

³¹ *Ibidem*, p. 93.